



UNILAB- UNIVERSIDADE DA LUSUFONIA AFRO BRASILEIRA

**“AGARRADOS NA TERRA”:
Blog da luta dos povos originários de Caucaia-CE**

ELISANGELA AGUIAR DE SOUSA SILVA

CAUCAIA/2022

ELISANGELA AGUIAR DE SOUSA SILVA

***AGARRADOS NA TERRA: BLOG DA LUTA DOS POVOS ORIGINARIOS DE
CAUCAIA-CE***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a.Gisele
Soares Gallicchio.

AGRADECIMENTOS

Ao minha mãe, ao meu pai (in memoriam) aos meus filhos e meu marido que são meu tudo, minha professora Gisele que sempre esteve do meu lado desde que ingressei na Unilab, ao Harley Almeida por toda ajuda, aos encantados que me deram força para continuar nessa caminhada aos amigos que Deus colocou no meu caminho para me ajudar.

COMPOSIÇÃO DO BLOG

Título do blog: AGARRADOS NA TERRA

Autoria: Elisangela Aguiar de Sousa Silva; Gisele Soares Gallicchio; Harley Almeida;

APRESENTAÇÃO DO BLOG (na página): “Agarrados na terra” é uma expressão utilizada por Ailton Krenak para se referir a uma sub-humanidade, a milhares de pessoas que insistem em ficar “fora desta dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena por epidemias, pobreza, fome e violência dirigida”. Os agarrados na terra são capazes de “escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como ‘natureza’, mas que por alguma razão se confunde com ela”. Seus saberes ancestrais praticam o ato de viver agarrado à Terra, sua casa, sua mãe. Eles trazem a cosmovisão que canta, dança, festeja, respeita todos os seus parentes.

COLABORAÇÃO E EXECUÇÃO TÉCNICA: Harley Almeida.

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA.....	06
1.1 AGARRADOS A TERRA.....	08
2 ANEXOS.....	13
3 REFERENCIAS.....	15

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho visa mostrar a importância de um museu com acervo dos povos indígenas de Caucaia, buscando sempre trazer à tona a perspectiva histórica desses povos e expor a todos a luta que eles têm para serem reconhecidos e garantirem os seus direitos garantidos. O acervo contendo a memória em uma espécie de museu busca trazer relatos das lembranças e memórias indígenas para os povos Tapeba e Anacé. Até pouco tempo atrás, a história dos povos indígenas brasileiros estava esquecida e silenciada, sobretudo nos principais espaços que têm por finalidade demonstrar a história da humanidade e, principalmente, do Brasil. Os indígenas, em geral, eram apresentados como coadjuvantes da nação brasileira. Vemos nos livros de história que os portugueses “descobriram” o Brasil. Entretanto os indígenas já habitavam essas terras há muito tempo e estes foram conduzidos pelos portugueses a uma educação que para eles era a ideal e que faria a cultura indígena ser apagada.

A (FUNAI) Fundação Nacional do Índio foi criada em 1967 com o intuito de preservar a identidade destes povos com política de proteção, no entanto mesmo tendo um órgão voltado para a proteção dos povos indígenas deviam lhe ser assegurado as lutas sobre a preservação étnica das lembranças e das memórias que deviam estar expressa nos museus com maior clareza, porém para a apropriação do espaço civil dos museus é preciso um acervo de conhecimentos técnicos fundamentais para interferir nesses espaços de museu existentes. Deste modo, passamos a refletir sobre as experiências e possibilidade dos grupos indígenas contemporâneos contribuírem e gerarem museus que materializem e retratam em suas versões verdadeiras as histórias com base nas lembranças e memórias do seu povo.

Um museu e acervo indígena para sair do papel precisam de quatro pontos básicos, são eles: planejamento, elaboração, organização, e divulgação. A comunidade indígena Tapeba já possuiu um memorial que foi inaugurado no ano de 2006 e fechado anos depois por falta de verba e de apoio, tanto de entidades que deveriam estar do lado dos indígenas, quanto

dos próprios indígenas. Outro ponto crítico de um espaço físico é a atual onda de violência de que vem sendo enfrentada em Caucaia. Isso faz com que os turistas e os próprios nativos fiquem receosos de visitar o Museu. Além do problema da falta de verba, outro ponto que se encontra em conflito com um museu físico é o fato de que as terras indígenas Tapebas e as Terras indígenas Anacé não foram demarcadas e com a PL 490 e o movimento de regulamentação do Marco Temporal, sendo sombra de dias tenebrosos para todos os indígenas de todo o Brasil, fica cada dia mais complicado se pensar em construir algo físico. Na conjuntura atual, a pandemia agrava ainda mais a situação, já que a qualquer momento as terras podem ser desapropriadas e perdemos tudo que nelas foram construídos.

Em uma entrevista uma com uma das lideranças da comunidade Tapeba o professor Carlos (Carlinhos Tapeba) comenta sobre a demarcação das terras indígenas: “infelizmente a Terra não foi demarcada ainda por conta de jogo político”. A política citada por Carlos é partidária e não pública como se espera de um movimento indígena. Financeiramente falando o custo mínimo para a elaboração de um museu físico que aborda a história dos povos indígenas tradicionais de Caucaia é de R\$ 250.000.00. Na atual conjuntura, esses povos não têm condições financeiras de realizar a construção desse museu. São nessas horas que aparecem políticos que tem por intenção usar os movimentos indígenas como um escudo para mascarar suas verdadeiras intenções e usar as terras indígenas. Esses políticos aparecem e oferecem a construção do museu e saem como grandes heróis dos povos, massacrando a luta de indígenas que fizeram de fato o sonho do museu sair do papel e ser divulgado ao mundo.

Após esses breves relatos, entramos na possibilidade mais real e concreta e a que despertou em mim a vontade de realizar um acervo virtual, um blog que traria para o mundo a cultura, as lembranças e a realidade do Povo Tapeba e do Povo Anacé.

Desde o início, a pesquisa para o meu TCC enfrentou diversas dificuldades. Juntei-me a um grupo de alunos da Unilab que também estava em processo de conclusão de curso, Jaciane Anacé, Sônia Anacé e Jamesom Tapeba. O motivo da decisão de juntar-me ao referido grupo foi o fato que os

trabalhos de conclusão de curso terem a ver com a minha realidade, tanto na questão da demarcação da terra indígena como no assunto da educação indígena. Também, assim como eu, eles são indígenas pertencentes aos povos indígenas de Caucaia, cuja luta pela demarcação está presente no nosso sangue e faz parte do nosso dia a dia. No processo de elaboração dos trabalhos estivemos sempre juntos para adquirirmos novos conhecimentos e também levantarmos os materiais de pesquisa. Visitamos várias aldeias, realizamos várias entrevistas com o cacique do povo Anacé, com a Pajé do povo Tapeba e demais pessoas envolvidas no movimento indígena. Obtivemos várias fotos, áudios e documentos que servirão para a educação das futuras gerações, já que tenho como ideia a elaboração do blog voltado para um fim educativo. O grupo que formamos nos fortalece e nos ajuda a coletar informações que mesmo que não tenham se encaixado no trabalho de um, divide-se com os outros. Afinal a luta indígena é união e todo trabalho que tenha como tema os indígenas e suas lutas não fazem sentido se não de forma unida e recíproca.

A pesquisa reúne vídeos, áudios e fotos que foram dispostas no blog para que este trabalho seja exposto nas escolas indígenas e plante a semente no coração dos kurumins. Assim, eles podem dar continuidade ao nosso trabalho e prosseguir a luta pela nossa existência. A educação diferenciada é uma das principais formas de manter a cultura viva, por isso um dos principais pontos a ser tratado é o fato de que hoje as crianças têm muito mais domínio da internet do que os próprios pais e com todo esse domínio fica fácil pra eles terem esse projeto como uma forma de expressão.

AGARRADOS NA TERRA

A pesquisa se apresenta em forma de blog reunindo diferentes materiais e fontes com a esperança de que esse trabalho seja exposto nas escolas indígenas e plante a semente no coração dos kurumins para que eles possam dar continuidade ao nosso trabalho e prosseguir com o blog. A educação diferenciada é uma das principais formas de manter a cultura viva por isso um

doa principais pontos a ser tratado é o fato de que hoje as crianças têm muito mais domínio da internet do que os próprios pais e com todo esse domínio fica fácil pra eles terem esse projeto como uma forma de expressão.

Uma educação de orientação colonialista ignora os saberes ancestrais e contraria os arranjos jurídicos-legais de defesa dos direitos indígenas ligados à demarcação das terras e à manutenção de suas culturas. Sônia, professora e integrante do movimento indígena, sublinha este papel da demarcação:

[...] a Constituição emprega mais de uma vez a expressão Terra tradicionalmente ocupadas pelos índios sem exigir sua prévia demarcação. A demarcação de uma Terra indígena tem por objetivo garantir o direito indígena assegurando a proteção dos limites demarcados e impedindo a ocupação por terceiros.” (Trecho do trabalho de Sônia Cristina- Membro do Grupo de Estudos Tapenacé).

Quando se diz “Terra tradicionalmente ocupada” está se falando de terras em que os indígenas estão localizados desde o início da colonização e quando não estão mais lá é porque foram expulsos de suas terras. Tempos depois foi mais explorado sobre a cultura desses povos que formam a origem do povo brasileiro, já que foram os primeiros habitantes das terras brasileiras e sempre tiveram que lutar bastante para conquistar o mínimo direito de se expressar e ter o devido respeito que merecem. Ainda hoje, a cultura indígena é palco de muitas discussões. Um dos principais motivos é o estereótipo de uma cultura canibal e violenta. Estas afirmações datam de senso comum que se mantêm vivos devido a fatos isolados e à falta de pesquisa sobre os povos indígenas.

Ailton Krenak, ao citar a chegada dos portugueses no Brasil, menciona a necessidade de revigorar a memória e a sabedoria dos velhos da comunidade:

“Os nossos velhos dizem: ‘Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai’. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo. Depois os brancos chegaram aqui em grandes quantidades, eles trouxeram também junto com eles

outros povos, daí vêm os pretos, por exemplo. Os brancos vieram para cá porque queriam, os pretos eles trouxeram na marra.”

A importância de manter a cultura indígena viva é a esperança de ter sempre um alicerce sobre a história brasileira, esse blog tem como pretensão expor a cultura indígena passada pelos mais velhos e trazer as crianças para essa meio e deixar com elas essa tarefa de seguir em gente com a cultura dos povos indígenas mostrando a sua história de luta e resistência.

O autor, em sua narrativa “O Eterno Retorno do Encontro”, faz uma reflexão sobre a importância da memória cultural, que pode nos fazer ver a importância de trazer as crianças para este projeto.

“Por isso que os nossos velhos dizem: "Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai". Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo...”

Davi Kopenawa Yanomâmi uma vez disse que “os brancos escrevem livros por que sua cabeça é cheia de esquecimento, já os povos indígenas são cheios de memórias”.

Para os indígenas quando um “Tronco velho” morre uma biblioteca inteira é perdida e para o bem das futuras gerações precisamos ter essas história não só arquivadas mais expostas para que todos saibam a verdadeira história do povo brasileiro. Vivemos tempos sombrios que nos fazem pensar no amanhã e no que aconteceria se todas as nossas histórias fossem perdidas. O Brasil seria enfim o que alguns querem: um país fraco de memória, forjado nas mãos pretas e indígenas e que só se exalta a cultura branca.

Como as mídias e as tecnologias digitais podem ser usadas pelos indígenas e para assegurar os interesses destes povos?

A tecnologia poder ser um presente a favor dos povos indígenas, quando ela nos dá uma maneira de nos expressar e expor a nossa cultura para o mundo. Um exemplo de sucesso dessa exposição na internet é a MIDIA INDIA, uma conta no instgram que conta com mais de 145 mil seguidores na

rede social. A conta é administrada por Erisvan Guajajara, indígena pertencente ao povo Guajajara de Imperatriz do Maranhão.

Conhecendo a realidade dos povos indígenas Tapeba e Anacé sei que um TCC escrito não chegaria muito longe já que a maior parte dos trocos velhos não sabe ler ou escrever. Já, um vídeo daria a eles a chance de saber e ver que a história, que as memórias e, mais ainda, que a cultura está sendo passada e que não se perderá em palavras soltas àqueles que ouvem, mas não escutam. A Pajé Raimunda disse uma frase que tocou profundamente não só a mim mais a todos os presentes durante a entrevista:

“Muitos vem atrás de mim pra eu dar uma fala sobre isso, sobre aquilo, e no final perguntam quanto é, eu só rio e digo ‘meu filho o pagamento que você me dá é não deixar essa entrevista guardada, divulga ela, mostra ela pra alguém, pra uma criança. Mais por favor, não deixa essa entrevista solta ao vento por que hoje eu to aqui, amanhã só Deus dirá’ e eu peço o mesmo a vocês meus filhos, não deixem isso guardado, mostra pra alguém, mostra para os kurumins.”

“Agarrados na Terra” (blog da terra Tapeba e Anacé) tem por objetivo ser implementado nas aldeias através das escolas, e deixar para os alunos a missão de alimentar o blog e trazer sempre coisas novas para a renovação do acervo. A escola principal que será usada como sede física do blog será a E.D.E.I.E.F CACIQUE ANTONIO FERREIRA DA SILVA. Essa é atualmente a única escola do povo Anacé da Terra Tradicional. Como professora aprendi que tendo as escolas como apoio sempre teremos espíritos novos a fim de trabalhar a cultura indígena e expor nossa cosmovisão para o mundo, usando todas as ferramentas possíveis e o blog será uma delas.

Os saberes ancestrais trazem as vozes dos “troncos velhos” que esta ferramenta tem por objetivo armazenar e disseminar. Na aldeia dos Anacé da terra tradicional junto ao Cacique Roberto Anacé, fizemos uma visita ao cemitério, onde seu pai Cacique Antônio foi plantado. Para o povo Anacé, quando morre um indígena, eles não é enterrado e, sim plantado. Também está plantado no cemitério o primo de seu pai chamado José Maria, que era conhecido na comunidade como “Bacurim”. Vemos que a cultura indígena, em

especial, a Anacé tem uma visão diferente da morte presente em um Toré que fala sobre a espiritualidade e sobre o encantamento:

“Na pedra branca canta galo, berra boi, passa boiada.
 E ali que os Anacé tava com aldeia encantada
 Os anace renasceram com um estrondo do mar
 Quem mandou foi pai tupã eles sem manifestar So
 ele é os verdadeiro é o que os índios têm fé.
 Já estão todos na aldeia com o Cacique Anace
 Derrama a graça tupã pros índios fortificar
 Pois a corrente ta feita tupã não deixa quebrar
 Afastai todos os maus e defendei do perigo Com a
 força de deus tupã vamos vencer os inimigos”.

Em seu texto “Do Sonho e da Terra”, Ailton Krenak ressalta que centenas de comunidades indígenas “vêm insistindo para que o governo cumpra seu dever constitucional de assegurar os direitos desses grupos nos seus locais de origem, identificados no arranjo jurídico do país como terras indígenas”. A luta pela permanência em seus territórios também se faz presente nos povos Anacé e Tapeba. Estes povos enfrentam a máquina de Estado que atua para desorganizar suas comunidades com o argumento integracionista, isto é, retirar os indígenas de suas terras, impossibilitando o exercício de seu modo de vida e inserindo-os nos cinturões de pobreza dos centros urbanos. A preservação do modo de vida indígena carrega uma relação com a natureza que dá subsistência e manutenção à vida destes povos, segundo Krenak, “dá sentido à existência”. Uma existência radicalmente diferente daquela que os humanos impõem quando tornam a terra propriedade, transformam tudo em mercadoria e devastam o planeta. Ailton Krenak como Davi Kopenawa alertam sobre a ameaça de extinção desta Terra que não suporta mais a devastação provocada pela sociedade capitalista em que a vida é substituída pelo lucro. Em contraponto trazem a necessidade de respeitar a vida de todos os seres (humanos e nãohumanos), parentes que compartilham esta casa chamada Terra. Um respeito exercido na relação inseparável do sonho e da terra, como uma cosmovisão baseada na tradição de diferentes povos que usam seus saberes ancestrais para orientar suas escolhas e suas ações no dia a dia.

Este blog comunga com as ideias de partilhar os sonhos e os saberes em direção à luta pela preservação dos povos indígenas e daquelas

áreas visadas ou destruídas pelos empreendimentos que envolvem interesses estrangeiros, nacionais, estaduais municipais privados e públicos.

Um blog que traz o sonho dos agarrados na terra.

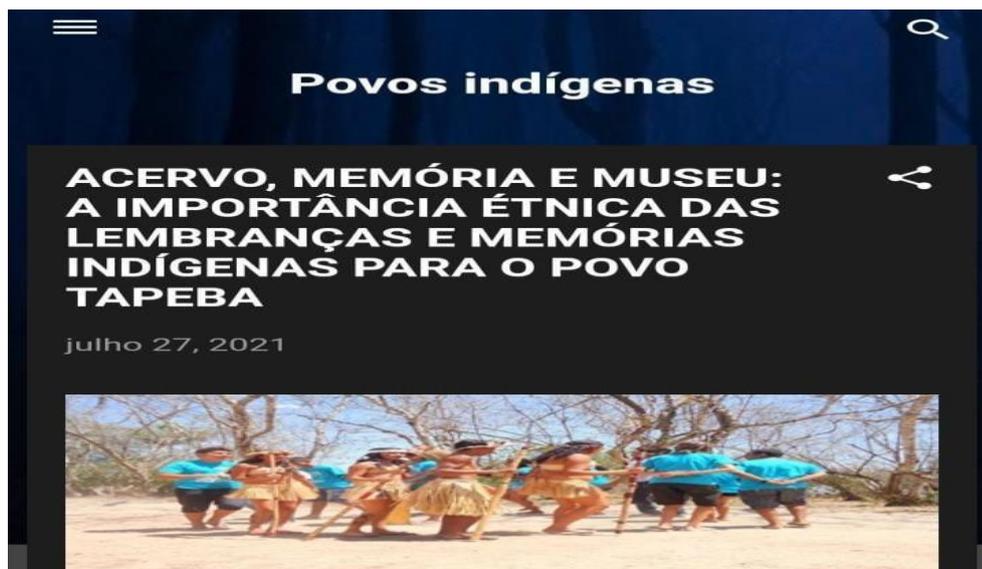
ANEXOS

Anexo 1.



(Foto: Grupo de estudos Tapenacés - Elisangela Aguiar)

Anexo 2.



(BLOG- MUSEU E ACERVO DOS POVOS TRADICIONAIS TAPEBA E ANACÉ-

ELISANGELA AGUIAR)

Anexo 3.



(FOTO- PERFIL MIDIA INDIA OFICIAL NO INSTRAGRAM)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRENAK, Ailton. ***Ideias Para Adiar O Fim Do Mundo***. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi: ***Não Mexam Mais Com a Nossa Terra Mãe***. ISA - Instituto Socioambiental. Disponível em: www.socioambiental.org/pt-br/noticiassocioambientais/davi-kopenawa-nao-mexam-mais-com-a-nossa-terramae. Acesso em: 09 Fev. 2022.

SANTOS, Sonia Cristina. ***A Luta Pela Demarcação Das Terras Indígenas Em Tapeba e Anacé a Terra E a Vida Para Os Indígenas***. 30 Ago. 2021.